

passos em volta de apichatpong weerasethakul

O seu cinema é uma selva luxuriante, um lugar secreto onde o coração se disponibiliza para um milagre. Outro cineasta em foco em Vila do Conde, o tailandês mostra longas, curtas, uma instalação e dá uma "master class". **ÓSCAR FARIA**

É um programa vasto, aquele que Vila do Conde propõe em torno da obra do tailandês Apichatpong Weerasethakul (Banguecoque, 1970), vencedor, em 2004, do prémio do júri de Cannes com o febril "Tropical Malady", incursão através dos desejos metamorfoseados em fábula – aos doces sorrisos que ocupam a primeira metade do filme, a história de uma temá relação amorosa, homossexual, sucede-se uma incursão na selva, uma "via do espírito", onde, a dado momento, homem (um soldado) e animal (um tigre) se olham, extáticos, numa união mística entre ambos. "Dei-te uma cassette dos Clash, mas esqueci-me de oferecer o meu coração", diz-se algures nesta obra de absoluta serenidade: na qual uma urbana sessão de aeróbica convive com uma árvore em estado de graça, iluminada por milhares de pil-lampas, no silêncio de uma paisagem nocturna.

"Tropical Malady" não será projectado em Vila do Conde, contudo, logo no segundo dia do festival, a 9, será exibida outras das obras maiores de Weerasethakul, "Blissfully Yours" (2002), que tem também a selva como protagonista de histórias de amor, que, como uma doença, se vão disseminan-

do por corpos e paisagem. O país onde decorre a narrativa, a Tailândia, é um dos protagonistas desta história que principia a meio – o genérico surge quando menos se espera, dando a este filme não só um novo arranque, mas também emprestando-lhe uma leitura circular, extensível às restantes longas do cineasta. São estas compostas sobretudo por passos em volta de um centro, omnipresente e eternamente pacífico: a natureza.

As contradições do progresso, a imigração ilegal, as formas desordenadas de crescimento urbano são outros temas que percorrem os filmes de Joe – diminutivo pelo qual é conhecido Apichatpong –, permanecendo assim, em pano de fundo, uma dimensão documental, que tão importante fora para a construção de "Mysterious Object at Noon" (2000), primeira longa. Dessa amálgama que é um dado território nascem as histórias simples narradas pelo realizador. Nelas, o real é activado pela vontade de se encontrar um espaço para a felicidade, um lugar secreto, misterioso, onde o coração se disponibilize para o acontecimento de um milagre, de uma breve cintilação que ilumine um corpo e o faça participar, sem ilusões, da impermanência da vida.

Apichatpong Weerasethakul é budista. Os seus filmes fazem-nos participar desse universo não de forma directa, imbuída de proselitismo, mas através do fluxo narrativo proposto nos seus filmes. No livro "Folhas Caem, um Novo Rebento" (Assino & Alvim, 2002), do monge zen Hôgen Yamahata, encontra-se uma passagem que pode ajudar a atingir essa outra camada presente nas obras do cineasta: "A folha de uma árvore, uma pedra, a palma da minha mão, uma gota de água, ou até mesmo os nossos filhos e mães são, na realidade, um continente desconhecido para nós. Não devemos e não podemos lidar com eles, encontrá-los ou julgá-los com as nossas habituais maneiras fixas. Quando aceitamos a sua própria unicidade cósmica, tudo e toda a gente que encontramos é totalmente nova".

No programa dedicado a Apichatpong, o festival propõe curtas (sábado, 15, às 23h) realizadas pelo cineasta entre 1996 e 2003. Trata-se de um conjunto de obras onde é possível encontrar a dimensão mais experimental do autor e onde se podem traçar as suas heranças artísticas, como é o caso dos surrealistas e da noção de acaso por eles tornada operativa, e de Andy Warhol e do descomprometimento deste relativamente ao sujeito captado pela câmara – alguém a dormir, um edifício, um grupo de amigos na Factory, etc. Em entrevista recente ao Y, Joe afirmava: "Interessa-me mais a forma como ele ligava a câmara e se ia embora, este género de processo, a forma dele se ir embora do processo e isto se tornar o processo em si – "Dracula" e "Lonesome Cowboys" são obras acerca de uma atitude; admiro as obras, mas admiro mais a atitude ao fazê-las".

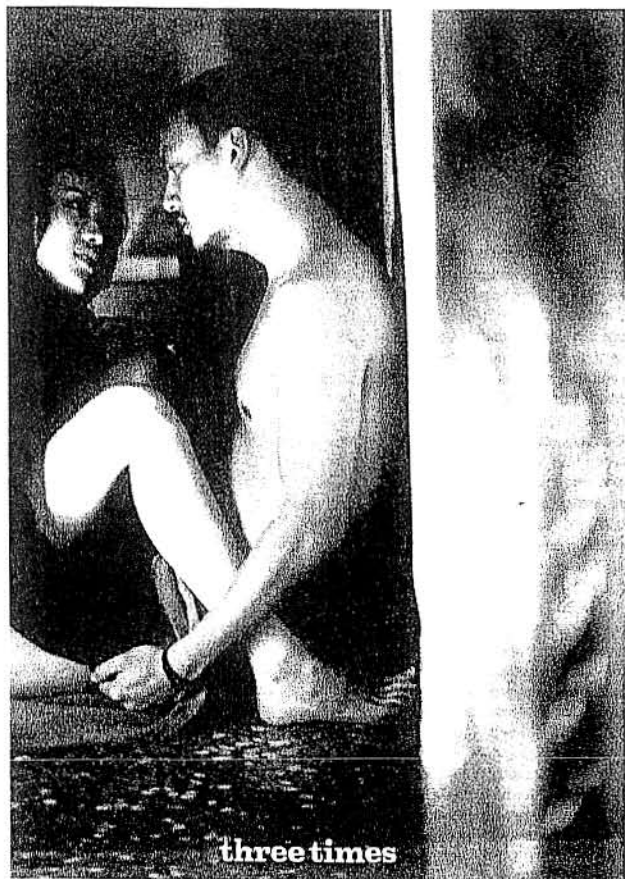
A sessão de curtas inclui "Nokia Shorts" (2003), feita com recurso a uma câmara de telemóvel, no qual as imagens ganham uma abstracção que as aproxima da pintura – a música é de Masato Hatanaka. Na proximidade desta obra situa-se "Windows" (1999), exercício baseado no movimento do corpo do realizador enquanto segurava uma câmara de modo a esta afectar o que se passava num ecrã de TV.

Entre as outras curtas, destacam-se ainda "Malee and The Boy" (1999), projecto em colaboração com uma criança de dez anos, que captou sons em vários locais de Banguecoque, fornecendo assim o material para as imagens captadas depois, nesses mesmos sítios, por Weerasethakul – neste diário da cidade, as variações formais presentes nos diversos planos desta obra são acompanhadas por vários estratos narrativos, na qual se insere o texto, retirado de um livro de uma banda desenhada tailandesa; "Like the Relentless Fury of Founding Waves" (1996) e "Thirdworld" (1997), no qual o cineasta recupera partes da sua primeira longa para edificar uma obra acerca da passagem do tempo.

Um dos cineastas em foco na edição do Curtas deste ano, Apichatpong Weerasethakul vai ainda revelar, na Solar – Galeria de Arte Cinemática, a instalação "Waterfall", encomenda do festival de Vila do Conde, que inclui filmagens realizadas na selva tailandesa em Maio deste ano. Uma "master-class" (4.º, 12, às 14h30) e duas sessões com curtas realizadas por outros autores tailandeses (3.º, 11, às 18h; e sábado, 15, às 00h30), completam o programa dedicado a Joe.

HUGO CARVALHO/ARQUIVO





three times

embora ele mais tarde se tenha vindo a dizer insatisfeito com ele, pergunto-me agora, depois de "Three Times", se não seria altura de o rever também; de resto, já à época, também confundido que fiquei num primeiro momento, só numa segunda oportunidade me pude aperceber de aspectos surpreendentes no filme, por exemplo a novidade que era o uso do som directo.

"Good Men, Good Women" supõe directamente a questão da representação da História em três histórias: o presente de uma actriz, os "flash-backs" que são a sua história, e o filme em que participa, "Good Men, Good Women", história de um grupo de taiwaneses nos anos 40 que, partidos para o continente para se juntarem aos comunistas, são por estes tidos como espíões, e que regressados à ilha são objecto da repressão do Kuomintang entretanto aí instalado.

Depois de afirmar em primeiro lugar as instâncias pessoais e sucessivamente a sua inscrição na história colectiva, definindo-se como "cinasta de Taiwan", mesmo que uma mais geral história chinesa – afinal a história transmitida – não deixasse de estar presente, HHH teria um outro gesto, de saliência inaudita: quase aos 50 anos, tentava reencontrar a hipótese de um om como num primeiro filme, e fazia um "segundo primeiro filme", "Good Bye South, Goodbye"; os jovens, não o jovem que tinha sido, mas os jovens do presente tornavam-se nateria do seu cinema.

Neste novo começo, HHH voltava ao sul da ilha, afinal a zona de onde provinha. Mas a ideia de "partir do Sul" é mesmo mais alta, porque genericamente Sul é Taiwan e a cultura chinesa. Definida a insularidade, abriu-se no cinema de HHH o espaço para a possibilidade – ao menos a possibilidade de derivas.

Na passagem para o mais directo presente, "Goodbye South, Goodbye" não deixava afinal de seguir, como "à posteriori" se poderá notar, a possibilidade aberta pelas histórias, pelas duas histórias aliás, de A Ching, a actriz em "Good Men, Good Women". Mas "Good Bye South, Goodbye", nisto em "raccord" com "Os Rapazes de Fengkei", é um filme de virilidades e lutas, de obrigações à afirmação da masculinidade. No mais recente cinema de HHH coexistem a nostalgia dessa virilidade e uma cada vez mais acentuada afirmação da autonomia feminina.

As premissas dessa autonomia estão expostas, no que à primeira vista pode parecer paradoxal, no filme que na obra de HHH é o mosaico feminino, o do mundo em que as mulheres estão encerradas em bordéis de luxo: "Flores de Xangai", terceiro pináculo, depois de "Tempo para Morrer e Tempo para Viver" e "O Mestre de Marionetas".

No extraordinário plano inicial do filme, plano-sequência, espaço no tempo de um mestre, à volta de uma mesa como tantas vezes no cinema de HHH, os homens falam, falam, mas a organização do filme ocorrerá em função de cada uma das raparigas e do seu espaço. A insularidade é esse espaço fechado de cada uma, até ao inacreditável final suspenso – um arquipélago, portanto.

Depois dos novos anúncios de "Good Bye South, Good Bye", "Flores de Xangai" foi aparentemente um desvio, o momento em que HHH se confrontou com mais latas memórias culturais da China em que também se tinha formado. Mas se há desvio, desde logo na ida para o estúdio e para o "filme de época", há também linhas de aproximação, como se poderá verificar em Vila do Conde vendo "Flores de Xangai", "Millennium Mambo" e "Three Times", esses três tempos de uma obra.

festival, modo de usar

quatro competições

39 curtas na competição internacional (obras de Sergey Loznitsa, Nicolas Provost, Richard Golezowski, Manon de Boer ou Christoph Girardet-Matthias Müller), 11 na competição nacional (incluindo a estreia dos últimos Edgar Pêra, Catarina Mourão, Margarida Leitão e Miguel Gomes), 17 na mostra Take One! (é a zona reservada aos filmes produzidos nas escolas de cinema do país) e outros tantos na novíssima competição de vídeos musicais (com cinco entradas nacionais: clips de Gomo, Kalaf+Type, The Legendary Tiger Man, The Vicious Five e X-Wife). Os brindes-mistério do Curtas Vila do Conde começam a ser mostrados na 2ª feira, às 21h30.

instalações na solar

Na Solar – Galeria de Arte Cinemática são apresentadas a instalação "Waterfall", de Apichatpong Weerasethakul, a exposição "Frame by Frame", "objectos filmicos" de Peter Tscherkassky, e quatro curtas assinadas por Niklas Goldbach, Gerard Holthuis, Robert Cahen e Ange Leccia, neste caso com o filme "La Déraison du Louvre", no qual Laetitia Casta se confronta com obras-primas do museu parisiense (inauguram amanhã, às 18h)

peter tscherkassky

As obras do austriaco Peter Tscherkassky são formadas a partir de múltiplos processos de desconstrução e decomposição de celulóides de outras obras – de películas dos irmãos Lumière a filmes de terror. Em "Dream Work", a última etapa da sua trilogia CinemaScope (1997-2001), homenageia Man Ray. Esta e outras curtas, como

o recente "Instruction For a Light and Soud Machine", "tentativa de transformar um 'spaghetti-western' numa tragédia grega", são exibidas em duas sessões (3ª, 11, às 23h; e 6ª, 14, às 18h).

remixed

O novo módulo do festival – plataforma destinada às experiências de performance de som e da imagem – reinveste no formato dos filmes-concerto. Este ano há quatro projectos convidados a mostrarem bandas sonoras originais para filmes da colecção "Unseen Cinema", do respirador Bruce Posner. Alinhamento: Bullet para o programa "Vive la Dance" (amanhã, às 21h30), Carlos Bica e DJ Illvibe para o programa "Light Rythms" (5ª, às 0h30), Ana Era Lógia para o programa "The Mecanized Eye" (dia 15, às 21h30) e Dead Combo para o programa "The Devil's Plaything" (dia 15, às 0h30). Ainda no campo das remisturas, destaque para a "black box" de curtas experimentais de produção recente (série 2004/2005) a passar em "loop" na Solar (a partir de 3ª, das 14h às 21h).

as longas dos curtos

Joana Hadjithomas e Khalil Joreige passaram há dois anos por Vila do Conde com o documentário "The Lost Film", Mike Holboom foi "retrospectivado" em 2003: este ano, regressam em versão longa, a convite do módulo Work in Progress. A dupla libanesa mostra a ficção "A Perfect Day" (domingo, às 21h30), o canadiano traz "Fascination" (domingo, às 16h00), um "metabiopic" sobre Colin Campbell, pioneiro da vídeo-arte e ícone da comunidade "drag". IN: OF

"Millennium Mambo", filme de 2001, abre-se com uma estranha indicação em "off": "Foi há já 10 anos. Era 2001. O mundo inteiro celebrava o novo milénio". No momento em que se inicia a narração, a história está pois "concluída". É com esse desvio pelo futuro que se apresentam as personagens do presente, Vicky e os seus dois amantes, Vicky que irá para outra ilha, ou arquipélago, o Japão (e aí virá a haver uma rapariga, Yoko, a de "Café Lumière", a da tal e tão bela homenagem a Ozú).

"Three Times", enfim, articula não só três histórias mas também, como o título menciona, três tempos: "1966 – O Tempo dos Amores", "raccord" com o quadro epocal de "Os Rapazes de Fengkei" e maravilhosa variação de "boy meets girl", "1911 – O Tempo da Liberdade", ou a memória histórica e o comentário e "post-scriptum" a "Flores de Xangai", e "2005 – O Tempo da Juventude", em bissetriz com "Millennium Mambo".

Se "o tempo da juventude" é a insistência e interrogação maior do cinema de HHH na última década, há contudo um sincretismo em que também outras memórias e experiências vêm confluir com as actuais derivas. Com essas interrogações no presente que tornam urgente como poucos o cinema de Hou Hsiao-Hsien.

Já agora, e depois de Tsai Ming-liang no ano passado, não sendo já obrigatório o pretexto de curtas-metragens, não quererá o festival de Vila do Conde concluir o triptico maior de Taiwan com Edward Yang?

Augusto M. Seabra fez parte dos júris de Cannes-1993 que atribuiu o 1º Prémio de Júri a "O Mestre de Marionetas", e do Golden Horse – 1995 (prémios nacionais de cinema de Taiwan) que distinguiu com a melhor realização "Good Men, Good Women".